

Pássaro que canta na chuva

"Eu quis, como Schumann, compor

Um Carnaval todo subjetivo:

Um Carnaval em que só o motivo

Fosse o meu próprio ser interior...

Quando o acabei – a diferença que havia!

O de Schumann é um poema cheio de amor,

E de frescura, e de mocidade...

E o meu tinha a morta morta-cor

Da senilidade e da amargura...

– O meu Carnaval sem nenhuma alegria!..."

(Manuel Bandeira, "Epílogo", extraído de "Carnaval")

O Rio de Janeiro ainda era preto & branco quando o bem-te-vi cantava na Barra. O canto insistente e simplório, demasiado alegre, batia levinho em minha janela todas as manhãs, como quem pede licença para entrar e ficar. Mesmo nas de carnaval, eles conseguiam superar o barulho das ruas, pois rodeavam a pitangueira do quintal de casa, tão próximos quanto a brisa da praia do Flamengo. Nunca mais fui à praia do Flamengo; viemos para São Paulo. De tempos em tempos voltamos para a capital, visitar a parte da família que por lá ficou. Meu pai, Coronel Pietro Esposito, é o que mais se anima com as visitas. Abre uma garrafa de Whisky, serve o genro, e ficam horas conversando sobre a política e a novidade do rádio. Em fevereiro é proibido escutar o rádio, pois é mês de carnaval, e segundo papai "as músicas têm ficado cada vez mais profanas". Também não fui mais ao carnaval. 1919 fora o último. O curso passava pela praia do Flamengo... Nunca mais fui à praia do Flamengo...

Fomos com o carro do então deputado Augusto Rodrigues, pai de Antônio Rodrigues, cujo carreira política herdara. Papai era grande amigo do deputado, e queria que passasse mais tempo com Antônio, pois era bom moço, de família afortunada. Usava óculos pretos e tinha a barba feita, deixando à mostra o rosto magro e ossudo. Não gostava da várzea carnavalesca, mas participou ao menos do desfile do curso, já que as eleições se aproximavam e as aparências populares angariavam votos, como seu Augusto lhe ensinara.

Eu gostava dos desfiles, de ver os carros com gente bonita e elegante na Avenida Central. Mamãe era quem costurava meus vestidos, antes da Espanhola. Aquele traje, o vestido vermelho clarinho que combinava com o chapéu de anos passados, foi o primeiro que fiz por conta própria. Hoje as roupas já são outras, e o curso beira o esquecimento. Agora qualquer um tem carro, a tradição se perdeu. Fomos, Antônio

Rodrigues e eu, na parte de trás, e seu Augusto e o Coronel na frente. Saímos do Botafogo, passamos pelos bulevares, e depois pela praia do Flamengo. Foi ali que um rapaz do terno e do chapéu branco começou a buzinar, e diminuiu a velocidade, deixando os automóveis lado a lado. Olhamo-nos por alguns segundos, ele com seu sorriso malandro, um bigode bem aparado e o dente de ouro no lugar do canino. Pegou uma serpentina colorida, depositou um beijo, e lançou em minha direção. Antônio Rodrigues olhava para o outro lado, não havíamos trocado sequer uma palavra durante todo o trajeto... Quando fizera um comentário qualquer sobre uma alegoria, tirando meu foco do carro vizinho, perdi de vista o amor à primeira vista. Procurei com os olhos curiosos o dono do carro preto, tão preto quanto todos os outros que iam rumo à Avenida. Do banco da frente, meu pai me encarava com uma feição séria, talvez por ter visto a cena da serpentina, talvez por eu estar cada vez mais distante de Antônio Rodrigues, que agora jogava confete na rua com um sorriso careta.

Sentimos pingos d'água caindo sobre nossas peles, e vimos a praia se esvaziar num instante. Os pássaros continuaram a cantar, apesar da chuva, do vento e da desgraça. E os cursos deram meia volta, provocando o caos no trânsito. O sol quase se punha, beirando o toque do mar que, sereno, ia e vinha numa espécie de pêndulo anômico.

Seu Augusto Rodrigues fizera uma pausa, enchendo o tanque de combustível num dos poucos postos da cidade; esperávamos ali, resguardados. Me levantei para esticar as pernas, e andei em círculos para longe, esticando o braço em direção à chuva. Encarando o chão de brita, observava os sapatos da época, estreitos, que apertavam os calcanhares. Foram de minha mãe em tempos passados. Feito criança, batia os pés no asfalto, tocando a melodia de uma das marchinhas das letras indecentes, num murmúrio discreto.

- *"Na minha casa não se racha lenha..."* – cantarolou uma voz até então desconhecida.

Me assustei por não estar sozinha. Voltei os olhos para a figura que, encostada num carro preto, acendia seu cachimbo com ares de elegância. Me fitou de lado, um rosto desconfiado. O mesmo terno branco, o mesmo chapéu, o mesmo dente de ouro e o bigode arrumado. Quase que sem perceber, sorri pequeno. Entortou o chapéu, apoiou o pé sobre a porta do carro, na forma de um triângulo, e se apresentou:

- Zacarías Fernández, muito prazer – cumprimentou, beijando minha mão. – Qual é a graça da senhora?

- Sou uma senhorita, ainda – não se fez surpreso com a revelação. – Me chamo Maria das Dores.

Pelo sotaque, não era carioca, quiçá nem brasileiro. Depois explicou-se argentino, renomado dançarino de tango, apaixonado pelo Rio de Janeiro. O rapaz do banco de passageiro era Cândido Costa, seu colega de trabalho, tão galanteador quanto. Me entregou uma rosa vermelha, discutiu algo com Zacarías em espanhol – pareciam ofensas – e se afastou, pedindo desculpas pela controvérsia. Zacarías e eu nos conhecemos, afinal ainda era carnaval. Devo admitir que fiquei à espreita, checando os arredores, para disfarçar caso Antônio Rodrigues ou o Coronel aparecessem. O rapaz

contou sobre o tango, o vinho e a vida. E eu, por dentro, estava encantada com o modo como dizia cada palavra, o olhar de amendoeira.

Seu Augusto retornou, indicando que deveríamos entrar no carro. Pensei em não voltar e, assim como os pássaros, cantar apesar da chuva. Mas como era de costume, obedeci. Zacarias não insistiu, apenas pediu para que nos encontrássemos na manhã seguinte ali, à beira da praia do Flamengo. Assenti em silêncio, num acordo inventado no feliz.

Na manhã seguinte nos encontramos, e na subsequente também. Nunca expliquei para o Coronel quem era o bom moço do posto de gasolina, muito menos falei sobre os reencontros todos. Só dizia ir à praia, refrescar a cabeça - sem carnaval de rua, claro.

Na segunda-feira tivemos a chance de conversar com calma. Me ensinou a dançar o básico do tango, lhe apresentei o melhor restaurante da região. Voltei para casa ao pôr do sol. Na terça-feira, fizemos planos, filmes, livros, filhos. Mas não pediu para me ver na praia ao dia seguinte. Na quarta-feira, deixou uma carta na antiga casa da pitangueira e dos bem-te-vis. Já era tempo de voltar à Argentina, com a esposa e filhos de surdina. Junto ao carnaval viera, e junto ao carnaval se foi, deixando o canto cinzento dos pássaros da chuva. O Rio de Janeiro ainda era preto & branco...